

**A L M A**



**N O V A**

**N A T A L D E 1 9 2 8**

**V S É R I E**

**N.º 9-10**

**2 E S C.**

ESTA REVISTA NÃO TEM FINS COMERCIAIS, VIVE APENAS DA DEDICAÇÃO DOS SEUS AMIGOS E COLABORADORES, NO INTUITO DE BEM SERVIR AS LETRAS E ARTES PORTUGUEAS. TODOS OS AUXÍLIOS, OU RECEITAS DE ASSINATURAS, SÃO DESTINADOS EXCLUSIVAMENTE À SUA MELHORIA E : : : : EXPANSÃO : : : :



DIRECTOR E EDITOR  
**MATEUS MORENO**

Direcção: Calçada João do Rio, 8-1.º  
**LISBOA**  
Assin.: Ano (12 n.º) 10800. Avulso, 1 Esc.

REDACTORES EFECTIVOS  
DR. EMÍLIO SALGUEIRO, DR. LUÍS D'OLIVEIRA GUIMARÃES, DR. M. GOMES DOS SANTOS E REBELO DE BETTENCOURT.

Propriedade da Cooperativa Editora  
«RESSURGIMENTO» — Lisboa.

Composição e impressão — Tipografia Minerva  
VILA-NOVA-DE-FAMALICÃO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

# ■ ■ A L E G R O S ■ ■

## ■■■■■■■■■■ FLIRT ■■■■■■■■■■

*Ele* (25 anos, uma vulgaridade de calças largas e inteligência estreita).

*Ela* (19 anos, uma bonequinha de Saxe, de saia estreita e idéias largas).

Conversam apenas separados por um fio telefónico.

### Lógica... aérea

*Ele*: — Allô, allô. N.º 2465, está lá? E' a Maria Eugénia?

*Ela*: — Ah, é você, Ricardo? A sua voz conheço-a sempre.

*Ele* (baboso): — E' muito amável...

*Ela* (trocista): — Amável por lhe conhecer a voz?! Se você soubesse o que me faz não a esquecer!...

*Ele* (curioso): — Então o que é?

*Ela* (misteriosa): — Não digo. Você zangava-se...

*Ele* (insistindo): — Não zango tal, diga!

*Ela* (resoluta): — Ai quê? Pois olhe, é por ela ser fanhosa! Não saço que dos meus três flirts é você o único que assim a tem?!

*Ele* (admirado): — Dos seus três flirts? Então você tem três flirts?!

*Ela* (ingénua): — Sim, enquanto não arranjar o quarto...

*Ele* (repreensivo): — Mas isso é um escândalo, Maria Eugénia!

*Ela* (muito calma): — O que é escândalo, arranjar o quarto?

*Ele*: — E já ter três!...

*Ela* (desculpando-se): — Se até Deus disse: «Amai-vos uns aos outros!»

*Ele* (meio risonho): — Pois sim, mas Deus não disse: «Flirtai uns com os outros...»

*Ela*: — Quem sabe lá? Eu já ouvi dizer que foi flirtando que a Eva deu a maçã ao Adão!

*Ele*: — Por isso ele ficou engasgado!

*Ela*: — Não admira, os homens «engasgam-se» sempre no flirt...

*Ele*: — Naturalmente por serem fímidos?

*Ela*: — Não. E' que o sexo «forte» é «fraco» de espírito...

*Ele*: — E o sexo «fraco» é «forte» na malícia?

*Ela*: — Talvez. Não vê você que o mundo está dividido em duas partes; dum lado: os maliciosos...

*Ele* (interrompendo-a): — Ou as maliciosas...

*Ela* (continuando): — E do outro lado: os maliciados; isto é: os que sofrem a malícia dos outros. Ora, como já se foi tempo em que o sofrer era exclusivo da mulher, é muito provável que seja, agora, o homem quem tenha de suportar çaladinho toda a nossa malícia, e nesse caso é ele o «maliciado»...

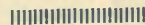
*Ele*: — Qual! Você, engana-se! O sofrimento continua sendo próprio da mulher, e se nós, homens, ficamos çalados, quando nos maliciam é só por se julgar que o silêncio é de ouro.

*Ela*: — Tolinho! Se o silêncio fôsse de ouro muito ricos eram, então, os mudos!

*Ele*: — E são ricos, sim, se tiverem ouvidos para ouvir e olhos para ver uma certa Maria Eugénia que eu conheço!...

Lisboa, 12-7-1928.

Maria Rosa Guimarães da Silva.



## A O L E I T O R

Movidos pelas solicitações de vários Amigos da ALMA NOVA, que não se esquivam sequer à sua contribuição material, passa esta desde hoje a publicar-se, não apenas semestralmente, como havíamos anunciado, mas mensalmente e com a possível regularidade.

O ECO NACIONAL, publicámo-lo, não em suplemento, por desnecessário, mas na página gráfica, que adiante se inicia.

A gravíssima crise que todas as classes atravessam, obriga-nos a restringir o número de páginas, de forma a que possamos diminuir também o preço das assinaturas, para que este se não faça sentir nos mais modestos orçamentos.

Confiamos, no entanto, na dedicada cooperação de todos a quem nos dirigimos.

O fasc. 11-12 sai em 1 de Fevereiro.

A REDACÇÃO.



— Aquele teu amigo deve ser um esplêndido aviador...  
— Porque dizes isso?... Coitado!...  
— Pois não vês que anda sempre agarrado às «asas»!...

(De A Garota, Lisboa. Des. de M. Ferreira.)

Capa de Martinho da Fonseca

# ALMA NOVA

## Conto para o Natal por EDUARDO FRIAS

— Mãe!...

Entreabriu os olhos, numa feliz indolência e sentiu a inefável ventura de estrear o mundo. Todas as coisas em redor possuíam o aspecto de uma súbita revelação de simpatia, uma envolveria carinhosa chamando-o para a confiança do verdadeiro caminho, ou das primeiras sílabas da prece que conduz à felicidade. O seu pequenino quarto de aldeia, onde morava sua mãe, formava um universo.

Voltou a cerrar os olhos, receoso que lhe fugisse esta impressão de sonho, esta casta irradiação de pensamentos e sensações, e num momento toda a sua vida, vivida até então, esfumava-se em negrimes de pesadelo. Como fôra possível, êle que era um homem culto, que era um artista, suportar uma existência tão cruel, tão fora da Beleza, tão longe dos sagrados afectos que são a única lógica da Vida?

Quinze anos, de leitura intensa e de fantasia prodigiosa, para matar a emoção, para erigir um monumento de vaidade e descrença, para com elas penetrar no ambiente de inverosímeis castelos, onde erravam em penumbras mórbidas, singulares figuras de mulheres inexistentes. E, para isto, desertara da casa paterna; passara fome e conhecera todo o lodo que alicerça as ilegítimas ambições!

— Mãe!

Instintivamente deixara escapar de novo esta invocação, como criança feliz, medrosa ante a alegria do brinquedo novo, e um novo fluxo de pureza e de simplicidade, fê-lo evocar a mancha alvissima de um lençol estendido sobre uma roseira, branqueando sob a misteriosa acção química do calor e da luz do sol. Era êsse curioso fenómeno da luz e do calor que tornava mais pura a brancura do linho, que depois o envolvia numa santa hospitalidade. E a descoberta de um mundo novo prosseguia no seu espírito deslumbrado. A côr, o movimento, o calor, são infinitas e ocultas irradiações de ternura. E tanto tempo sem compreender isto!

Voltou a olhar em redor, procurando intensificar a alegria, buscando a confirmação dos seus pensamentos, e viu, junto à cama, uma tira de sol. Nunca vira assim o grande astro. Nunca o sol tivera para êle essa expressão de afago e de beleza. Parecia-lhe agora um tapete de luz, pôsto no seu quarto por um prodigioso milagre do carinho de sua mãe. Só ali, naquele quarto, sob as traves da casa onde nasceu, onde sua mãe resou por êle, e tanto sofreu com a sua ausência, o sol revelara essa expressão de milagrosa ternura.

— Mãe!

Agora como que chamara por ela. Não podia reter sôzinho tamanha felicidade. Precisava de repartir êste grande momento da primeira manhã em que despertou na casa paterna. Depois, tinha medo do acordar de uma fria tristeza, porque lhe parecia que a sua alma talvez não merecesse tão encantadora libertação de um mundo falso... Tocaram na porta. Ele teve um grande grito de alegria, e um belo sorriso de sua mãe, ampliou de beleza, a enternecida claridade do sol.

— Tu estás triste!... Não estás contente de estar ao pé de uós?...

Ele não pôde responder. Duas lágrimas falaram por êle.

A mãe aconchegou-lhe a roupa. Voltaria mais tarde. Ainda era muito cedo, naturalmente, para êle. Que ficasse deitado, até tarde, como na cidade. Ele balbuciou:

— Isto é tão belo, tão simples...

— Dorme... Dorme... Ainda pensas muito. Isso faz-te mal...

— Estes pensamentos, minha mãe, agora não me fazem mal...

— Mas tu precisas descansar. Vens muito pálido...



Ele ficou silencioso; e então a mãe, sentando-se na cama, agitando-lhe as almofadas, suspirou:

— Deves ter sofrido muito...

— Eu agora não sei falar disso... Estou aqui tão longe...

— Mas é verdade que sofreste... Eu quero que tu contes... Para o dissuadir a confiança, ela dá ao rosto e à voz uma expressão jovial. A sua delicada argúcia de mulher e de mãe encontrou êste pretexto de curiosidade e de íntima satisfação de afecto maternal.

— Como podeste tu passar essa vida, tão má que nem me queres dizer?... Tinhas alguém, qualquer coisa em que pensavas, com certeza...

— Todas as coisas que passavam pela minha alma tentava passá-las depois para um papel. Era a minha maneira de aliviar.

A mãe sorriu; e encontrou esta réplica:

— Então mostra-me êsses papéis. Quero ver a tua alma.

— Não tenho comigo êsses papéis...

— A mãe riu, lèvemente, ao ver o filho triste quando fazia esta confissão.

— Então tu perdeste a tua alma?

Ele entristeceu mais ante a inesperada pergunta. — Perdi êsses papéis no roldão da minha vida sem ordem, sem estabilidade. Alguns dêsses papéis, onde pus tanto da minha alma, mesmo que os não perdesse, ou não tivessem sido queimados, como lenha de fogão, não os poderia mostrar.

— Porquê?

— Tinha vergonha. Estavam amarrotados, sujos.

— Por onde andava então a tua alma...

— E' verdade... — confirmou êle, ainda mais triste.

Faz-se um comovido silêncio, o silêncio do vazio das coisas que desapareceram. Súbito a mãe tem uma inspiração. Seus olhos iluminam-se, curiosos, plenos de alegria da adivinhação.

— Ouve! Tu, nessas coisas em que puseste muito da tua alma no papel, alguma vez falaste... de tua mãe?

— Nunca.

Não soube mentir. Sem saber porquê, sentia um grande alívio nesta afirmação. Admirava-se que ela não entristecesse sua mãe. E ela continuou:

— Nunca evocaste a memória de teu avô, para inspirar os teus actos, e te ensinar a robustecer a tua alma?

Com uma inexplicável alegria, êle voltou a exclamar:

— Nunca!

A mãe rejubilava. O seu grande instinto maternal, fazia-a compreender que seu filho não perdera a alma, visto que eutrestecia tanto ante as suas perguntas evocadoras. Então, numa grande alegria, com muito carinho, ela exclamou:

— Então, não te importes de ter perdido êsses papéis, ou de os teres deitado ao fogo. Nunca puseste nelles, nada da tua alma...

Ele sentiu que sua mãe tinha razão. Só agora começava a ver. Duas vezes sua mãe lhe dera uma alma. Tocaram na porta.

— Dá licença. Quero mostrar-lhe o meu menino.

Entrou uma rapariga, plena de saúde, com uma criança ao colo:

— Então, não é tão bonita?

Pôs-se a brincar muito com êle. Por entre meiguices, numa mímica comvente, a mãe ensinava a criança a balbuciar.

— Olha!... — comentou a outra mãe...

— Se fosse pessoa que percebesse de arte, havia de ser como esta, como todas as mães... Não vês como ela ensina o filho a falar? Não emprega palavras. Estabelece uma corrente só com a ternura...

# Algumas palavras sôbre Arte Portuguesa

..... por NUNO CATARINO CARDOSO .....

## Azulejos, Portas e Janelas Manuelinas existentes

# NO ALGARVE

A província do Algarve é, ao contrário do que podem supôr aqueles que mal a conhecem, uma das mais belas e típicas de Portugal. E para que se destaque entre as terras portuguesas, basta-lhe o céu e a amenidade do seu clima privilegiado.

Possuindo alguns dos mais belos e vastos panoramas, tais como aquele que se observa da Serra da Fóia, ou do Promontório de Sagres, onde a terra acaba e o mar principia, ou onde a natureza espalhou, como em Monchique, a mãos-cheias, os encantos que só ela sabe produzir, o Algarve também se pode ufanar de possuir uma *élite* que se tem distinguido nas letras, nas artes e nas sciências.

Pátria de músicos, escritores, pintores e poetas apreciados, quem melhor do que *João Lúcio* cantou o seu Algarve tão amado:

«Lírio fresco e azul deitado à beira-mar,  
Com o cálix gentil a orvalhar-se em oiro?»

Se, sob o ponto de vista artístico, o Algarve não ultrapassa o Alentejo, possui, todavia, como êle, vários espécimens de arte manuelina, tão portuguesa, espalhados pelas suas cidades, vilas e aldeias, como se vai ver destas despreziosas notas, traçadas ao correr da pênna e que não têm outro fim que prestar uma pequena contribuição para o estudo da arte nacional e comprovar o que escrevi, quando tratei de portas e janelas manuelinas, isto é, que a arte manuelina deixou em Portugal muitos vestígios, de norte a sul, em manifestações aladas e inconfundíveis que nos honram sobremodo.

O Algarve, como as nossas restantes províncias, fala eloqüentemente da bravura e do heroísmo portugueses. Por isso, não podia deixar de ter, principalmente nas suas igrejas, onde se alevantou a Cruz e a Fé perdura, séculos em fora, vestígios de arte manuelina.

Enumerá-los e a alguns azulejos, tão preciosos como os hispano-árabes do Museu de Faro, foi o que me propus, principiando por

**Albufeira.** — A antiga *Baltun* dos romanos, ou *Albuar* ou *Albuera* dos árabes, tem também a sua Torre do Relógio. Foi-lhe dada carta de foral, por D. Manuel I, em 1504. A sua Igreja da Misericórdia, em estilo gótico, tem uma porta manuelina, com a Cruz de Aviz.

**Alcantarilha.** — Situada na encosta de uma colina, Alcantarilha é uma das aldeias mais alegres e pitorescas de Portugal. A Igreja Matriz, de 3 naves, tem abóbada manuelina. No arco triunfal há Cruzes de Cristo. Revestem o baptistério e a Capela-Mór azulejos.

**Almancil.** — A Igreja de San-Lourenço de Matos de Almancil possui bonitos azulejos que decoram as paredes, os altares, etc. Na Capela-Mór há um grande registo de azulejos, datado de 1730.

**Alte.** — A Igreja Matriz de Alte, que data de 1518, encerra azulejos azuis e brancos do século xviii, representando scenas bíblicas. A Capela-Mór é manuelina, como manuclino é o portal da citada igreja.

**Alvôr.** — Alvôr, a *Albur* dos árabes, cujo castelo foi conquistado por D. Sancho II em 1189 e reconquistado por D. Afonso III em 1250, foi elevada a vila em 1455, ano em que ali morreu D. João II.

A Igreja Matriz de Alvôr, que é essencialmente manuelina, tem uma curiosa porta dêste estilo, com ornamentos da Renascença. Na Capela-Mór há azulejos policrómicos do século xviii.

**Faro.** — Faro é a cidade mais meridional de Portugal. Capital do Algarve, a antiga *Farão* foi conquistada aos mouros por D. Afonso III, em 1249. O seu foral foi dado por D. Manuel I, em 1504, e elevada a cidade, em 1540, por D. João III. Sofreu muito com os terramotos de 1755 e 1722, e em 1596 quasi que foi destruída pelos ingleses, comandados pelo duque de Essex.

Em Faro há azulejos policrómicos: Na Sé, no Paço Episcopal e na Igreja de San-Pedro, e hispano-árabes no Museu Lapidar Infante D. Henrique.

**Lagos.** — Antiga *Lacobriga* da Lusitânia ou *Zavira* dos mouros, D. Sancho I tomou-a a êstes em 1189. Perdida em 1191, só meio século depois a reconquistou o invencível *D. Paio Peres Correia*. Da magnífica baía de Lagos partiram as primeiras Caravelas Portuguesas que chogaram a Africa. Elevada a cidade por D. Sebastião, em 1578, chegou a ser a capital do Algarve, como também foi Tavira. Pátria de Gil Eanes, em Lagos há apenas, que se saiba, uma janela manuelina.

Tem a sua Torre do Relógio e, como Faro, uma Capela de Ossos.

**Loulé.** — Bela vila algarvia, conquistada aos mouros por D. Paio Peres Correia. Os seus forais datam de 1266 e 1504. Tem encantadores pontos de vista e belos modelos de *chaminés*.

São considerados como monumentos nacionais a sua Igreja da Misericórdia, o Cruzeiro e o portal do Convento da Graça. Na Capela das Almas há azulejos policrómicos e azuis e brancos, do século xviii, na de Nossa Senhora do Carmo, e azulejos na Ermida de Nossa Senhora da Misericórdia. A Igreja da Misericórdia tem uma porta e janela manuelinas.

**Luz de Tavira.** — Na Igreja Matriz destaca-se, por ser manuelina, a porta lateral e duas pequenas portas do mesmo estilo que ladeiam a Capela-Mór.

**Monchique.** — Monchique, a Sintra do Algarve, fica situada entre as Serras da Fóia e da Picota, a 455 metros de altitude. A Igreja Matriz de Monchique apresenta um portal e várias portas em estilo manuelino e belos azulejos policrómicos de maçaroca.

Da *Fóia* (902 metros de altitude) goza-se um panorama que Link considerou como um dos mais soberbos do mundo.

**Odiáxere.** — Odiáxere fica a cinco e meio quilómetros de Lagos. A Igreja desta localidade tem um silhar de azulejos azuis e brancos. A porta é quinhentista, com arcos e colunas manuelinas.

**Portimão.** — Portimão fica na margem direita do Arade. São belos seus arredores; do século xviii os azulejos da nave da Igreja Matriz.

**Santa-Bárbara de Nexe.** — Santa-Bárbara de Nexe é uma curiosa povoação situada entre os morros da Goldra e de Guelhim. A sua Igreja é em estilo gótico, destacando-se, pelos seus lavrados, o arco ogival da Capela-Mór. A Igreja e a Sacristia ostentam azulejos. De Santa-Bárbara de Nexe até Faro, encontra-se um dos trechos mais salientes da paisagem algarvia.

**Tavira.** — A cidade de Tavira foi conquistada aos mouros por D. Paio Peres Correia em 1242. O seu primeiro foral deve-o a D. Afonso III, que a reconstruiu. D. Manuel I elevou Tavira a cidade em 1520. Em Tavira desembarcaram, em 1833, as tropas liberais. Na Travessa de D. Brites há janelas manuelinas e azulejos na Igreja da Misericórdia, fundada em 1541 e cujo pórtico é o mais belo exemplar da Renascença, existente no Algarve. Ladeiam-na a corôa real e as armas da cidade. Há ainda azulejos policrómicos na Capela do Senhor dos Passos, e, datados de 1748, na do Santíssimo. A Igreja de Santa-Maria do Castelo, onde jaz o conquistador de Tavira e os sete cavaleiros da Ordem de Santiago, mortos traiçoeiramente, é considerada como monumento nacional.

Lisboa, 13 de Novembro de 1928.

(O autor agradece, penhorado, o envio de postais ou fotografias que tratem dos assuntos versados neste artigo, para a sua residência, Caampa de Saat'Ana, 100, 3.ª-E.).

## PAISAGENS DA MADEIRA

## ■ JARDINS ENCANTADOS ■

Crónica por ADOLFO FARIA DE CASTRO

SE há ponto do globo onde a flora concentrou todos os seus sortilégios e todas as suas belezas arborescentes, êsse deve ser, por certo, a ilha da Madeira.

E' digno do carinho dos mais experimentados artistas picturais o quadro de luxuriante variedade que a vegetação madeirense apresenta aos olhos dum visitante curioso, como eu, agora iniciado nestas terras. A' formosura do painel da cidade, que se observa do mar e se desenrola em anfiteatro, por entre casas e vegetação, circundado de serranias onde a flora ganha linhas dum incomparável valor, há que acrescentar a exuberância notável de todos estes jardins e todas estas quintas, uns e outras, quér dentro do Funchal, quér fora da cidade, extasiando os espíritos sonhadores e inspirando as almas sentimentais. Bastará lembrar António Nobre, portuense ilustre, que nesta ilha algum tempo viveu, fazendo vibrar sonoramente a sua lira.

Um jardim é um poema eterno. São eternamente cantados pelos poetas os jardins de Versailles, graciosos como as figuras esbeltas de Watteau, cenário que foi de episódios galantes da côrte francesa do tempo de Madame Pompadour, estrêla a iluminar um ciclo de arte e a sugerir o estilo Luís XVI, o que afirmo contrariamente àqueles que atribuem à favorita real a origem do anterior estilo, denominado Luis XV, ou Boucher.

Perduram, igualmente, nas estrofes de enamora-

dos vates, os jardins de Sevilha, essas doiradas grinaldas dos campos de Guadalquivir, cheios da luz pagã da Andaluzia ardente.

Os jardins da Madeira merecem poetas que os louvem e panegiristas que os enalteçam. São um encantador atractivo da ilha. Nesta mesma ocasião, se encontra, no Funchal, um grupo de botânicos ingleses, em missão científica, para estudo da flora existente. Outras missões, através dos tempos, teem aparecido, sendo os estrangeiros quem melhor sabe apreciar as riquezas naturais que a Madeira encerra. Naturalistas ilustres por aqui teem passado, e maravilhosos ficam com o que vêem e observam. A flora madeirense alia o vigor das côres à sua extraordinária abundância. Por isso, um alemão dedicado às sciências naturais, comparava os hortos madeirenses aos hortos pênisis de Semirâmis. Eu não sei a que os hei-de comparar, porque julgo que êles vencem qualquer comparação em todo o mundo.

Diz-se que, por estas doces paragens, andaram fadas espargindo perfumes e essências e cultivando jardins encantados.

Assim creio . . .

Caminho-do-Rabaçal, 19 de Maio de 1928.

*Adolfo Faria de Castro.*

## R Ú S T I C A

## I

VAMOS ao campo . . . Sinto a mocidade  
dentro em mim, como um lindo rouxinol  
a cantar, docemente, em liberdade,  
numa encosta batida pelo sol.  
Vamos buscar, amigo, a doce calma,  
a fôrça, a energia, a paz, o amor!  
Sinto lama cá dentro na minh'alma . . .  
ao viver da cidade tenho horror!

## II

O' minha aldeia, meu vergel florido,  
há quanto tempo, há quanto, estou ausente!  
Dá-me aquél'ferno abraço, apetecido,  
que eu quero aqui sonhar . . . morrer contente!  
Arde-me novo sangue pelas veias  
— sangue forte de moço adolescente — ;  
as arférias lefejão, sinto-as cheias  
de vida vigorosa, forte e ardente.  
Olha a casa de Aninhas, que regelo,  
como ela resplandece entre a verdura;  
espança-se ao sol o altivo gelo,  
cantando a felicidade e a ventura.  
— Eh! ti Maria, como vai a Aninhas? —  
Lá está ela — que linda mocetona!  
— Ando ali entretida co'as galinhas,  
olhe, meu bom senhor, e felizona!

— E o seu homem, que é feito do Manel,  
foda a vida, coitado, a trabalhar? —  
— Foi provar o seu feto de burel  
p'ra quando nossa filha se casar. —  
— Deus os solve, santinhos! Que frescura  
nestas hortas! Que lindos laranjais . . .  
Vê-se que, por aqui, a gente dura,  
não se fazem sentir os hospifais . . .  
— Salve-os Deus! venham ver a nossa adega,  
prover do nosso vinho, há pão e queijo,  
é beber e comer . . . é p'rá sossega;  
é o que temos por cá de mais ensejo. —  
— O', que vinho! até dá saúde à gente!  
apefece bebê-lo, é puro e forte!  
Felizes os que vivem santamente  
nesto canto da terra até à morte!  
— Adeus: haja sossêgo; — adeus, Aninhas,  
não cases senão lá para diante . . .  
mais val' ficar no rol das solteirinhas  
do que apanhars p'ra aí algum tunante.

## III

Amigo: como é boa a Natureza  
neses montes, nos bosques, nos valados . . .  
Na gente que aqui vive há mais franqueza  
do que entre os ricos, nos salões dourados.

# A N O V A A N G O L A

**E' urgente chamar a atenção do País para a vida colonial, e levantar as Províncias Ultramarinas à altura do objectivo máximo da nossa actividade**

DATA de 1490 o início do nosso apostolado em terras africanas de além-equador, tendo-se então instalado a primeira missão de franciscanos em San-Salvador do Congo. De então para cá, até à sua decadência, que se acentuou no decorrer dos séculos XVIII, as Missões religiosas desempenharam na colónia incipiente um papel de primeira grandeza. Infelizmente, neste capítulo também, não podemos deixar de comparar com amargura a miséria do presente à grandeza do passado. Não me permitiram as condições da minha viagem estudar de perto esta questão. Mas sei que vi ruínas, em pontos onde a actividade missionária outrora florescia em obras sublimes, que, por serem religiosas, não deixavam de ser profundamente portuguesas. Nêsse campo, que nós cultivamos com tanta fé, e que hoje deixamos em pousio, as missões estrangeiras desenvolvem-se e prosperam. Não quero dizer que essas Missões estejam aninadas do propósito de realizar a obra anti-nacional, de que por vezes têm sido acusadas; tive até ocasião de verificar o contrário, na missão Evangélica de Luma-Cassai, onde recebi, durante alguns dias, uma generosa hospitalidade. Mas isso não impede que o nosso coração se confranja, ao vermos que um espírito de estreito sectarismo nos leva a entregar a estranhos, e em nossa casa, aquilo que a nós nos compete, e que representa uma das formas mais activas, mais nobres e mais eficazes da função colonial.

Nos tempos recentes, a vida angolana sofreu mais alguns duros golpes. A proibição do fabrico do álcool, em 1911, medida que se impunha pelos mais variados motivos, veio lançar uma grande perturbação na vida económica da Província. E a ruína do comércio da borracha indígena, que não podia concorrer nos mercados com o produto similar proveniente de outras regiões, onde a cultura das plantas borrachíferas e a preparação da matéria prima era feita segundo processos científicos, foi outro golpe, e não menos sensível. Juntamente com a ruína, pode dizer-se completa, dêste importantíssimo ramo de comércio, começa a desenhar-se uma crise mais extensa: a do comércio de todos os outros produtos da actividade indígena, vencidos nos mercados europeus e americanos numa luta, que as deficiências da sua preparação tornavam desigual. Mas, a-pesar desta crise, e dos desregramentos financeiros que a vieram complicar, a Província de Angola, lentamente, é certo, mas com segurança, entrou na via do progresso. Foi essa impressão que colhi, numa permanência de perto de seis meses, tendo visitado as mais variadas regiões da Colónia, desde a costa até às margens do Cassai. A antiga Angola, cuja economia se baseava quasi exclusivamente na exploração comercial do trabalho espontâneo do indígena, essa está agonizante: no seu lugar aparece-nos uma nova Angola, que avança com passos hesitantes, mas sorrindo para um futuro que se lhe afigura certo: a Angola agrícola e industrial, vasto campo de trabalho fecundo e profícuo. E os antigos comerciantes, que, à força de energia, resistiram à crise, já não dizem irónicamente como outrora que *a agricultura é a melhor forma de empobrecer honradamente*, e muitos dêles, com uma compreensão nítida da marcha dos fenómenos económicos, estão-se voltando para a terra, como fonte única que é de uma vida económica sã e perdurável. Mas, muito há a fazer, e hoje, que a Terra já começa a ser pequena para a humanidade sempre crescente, é necessário andar depressa. E' urgente chamar a atenção do País para a vida colonial, e levantar as Províncias Ultramarinas à altura do objectivo máximo da nossa actividade. Num exemplar de um jornal, o *Diário de Notícias*, publicado em New-Bedford, e que por acaso me veio parar às mãos, vi que só nessa cidade americana, relativamente pequena, a colónia portuguesa é de 35:000 almas. Em Fall-River, outra pequena cidade próxima, o número de portugueses é de 30:000. E em toda a Angola, com a sua área de 1.256:000 quilómetros quadrados, há apenas 32:000 brancos! Assim estamos nós, Portugueses, dispersando e diluindo loucamente o nosso sangue, trabalhando como hóspedes em terras estranhas, abandonando às cobichas internacionais as terras portuguesas de além-mar, que representam alguns séculos de esforços portentosos e de sacrifícios heróicos.

E, convém afirmá-lo aqui, a tão decantada riqueza de Angola não é um mito, é um facto. Não que lá se encontre a lendária árvore das patacas, essa miragem que, a-pesar da sua infantibilidade, arrasou tanta gente para o Brasil. Mas Angola reúne um complexo de qualidades que a torna talvez a região mais interessante da Africa, para além do equador. Possui os melhores portos — para não dizer os únicos — de toda a costa ocidental. Debalde se podem procurar, no resto da costa, baías como as dos Tigres, de Pôrto Alexandre, do Lobito, de Loanda, e um rio, como o Zaire,

cuja foz se preste ao estabelecimento de um pôrto comercial. A zona costeira, nas partes susceptíveis de irrigação, dá algodão, óleo de palma e açúcar; a região sub-planáltica, o bordo do grande planalto, larga faixa que se estende de norte a sul, a uma distância variável do litoral, dotada de um clima quente e húmido, é uma região de grande riqueza, onde prosperam o cafeeiro e a palmeira dem-dem, de cujos frutos se extrai o óleo de palma. Podemos considerar como pertencendo a esta zona o enclave de Cabinda, coberto em grande parte pela colossal floresta do Maiombe, repositório inesgotável de madeiras. Além do cafeeiro e da palmeira do óleo, Cabinda tem ainda a cultura do cacoeiro, que lá se desenvolve admiravelmente. E a região planáltica, se, em grande parte, se não presta a estas culturas tropicais, tem milho, tem trigo, tem hortaliças de toda a espécie, tem gados em manadas de milhares, tem diamantes em bardo, e, acima de tudo, tem um clima em que os rigores solares são mitigados pela altitude, permitindo que o branco se entregue sem inconvenientes a uma vida de trabalho normal. Complexo êste de condições magníficas e até certo ponto complementares, que não é fácil encontrar em qualquer outra região da Africa. Hoje, toda a Província está completamente sujeita à dominação portuguesa, e o gentio abandonou todas e quaisquer veleidades de revolta. De resto, com as facilidades de comunicação que admirável rede de estradas permite, qualquer insubordinação que viesse a desenhar-se seria rapidamente circunscrita e dominada. Circula-se hoje por toda a parte com facilidade e segurança; além das estradas, há vias férreas excelentes, e serviços telégrafo-postais muito razoáveis. Há alguns milhões de braços disponíveis para o trabalho; e a constante melhoria das condições sanitárias gerais, promovida por serviços de saúde modelares, leva-nos a crer que essa massa trabalhadora indígena, absolutamente indispensável à Província, há-de aumentar de futuro. Angola constituiu, pois, não só um vasto campo onde a actividade dos Portugueses se pode expandir, mas, mais ainda, um campo em que o principal está feito para que essa expansão se realize sem peias nem entraves.

Mas — infelizmente há um *mas*, e êste é grave. A ideia, muito vulgarizada, da conveniência de desviar para Angola a corrente emigratória que segue para o Brasil, resolvendo por essa forma o problema do povoamento da Província, não pode ser aceite sem crítica. Essa corrente representa apenas, e infelizmente, só braços. E, em Angola, os braços não são precisos: as disponibilidades indígenas satisfazem as necessidades presentes, e estou certo que as futuras também, como já afirmei. Mais ainda: o emigrante branco, que leva consigo como único capital a capacidade de trabalhar, não pode concorrer nesse campo com o indígena, menos exigente e mais bem adaptado ao clima. O trabalhador branco fica vencido nessa luta desigual, e, ou se entrega ao comércio mesquinho de exploração do preto, ou vai engrossar as fileiras dos desgraçados sem eira nem beira — passando em qualquer dos casos a representar um elemento pernicioso, acabando por fim numa castração mais ou menos completa. O desvio dessa corrente emigratória é, pois, uma questão muito delicada, que, a não ser bem conduzida, pode provocar resultados negativos ou mesmo contraproducentes.

Mas o que Angola precisa, e que nós devemos procurar mandar-lhe, são capitais, e colonos armados de uma conveniente preparação técnica e moral. Temos alguns milhões de hectares a desbravar, e alguns milhões de pretos a civilizar; e essa obra só se faz com dinheiro, e com elementos socialmente superiores, preparados por forma que não só resistam ao meio, mas ainda actuem sobre êle, modificando-o. E' aqui, meus Senhores, que está o aspecto grave do problema, aquele *mas* a que há pouco aludi. Para resolvermos o problema colonial, para continuarmos essa expansão da nossa raça que constituiu o objectivo histórico da Nacionalidade, precisamos de exportar para as nossas terras de além-mar precisamente aquilo que nos falta na Metrópole: capitais e homens com preparação moral e técnica. Visto desta forma, o problema colonial funde-se no problema mais vasto da educação nacional, de que passa a ser apenas um aspecto. E eis-nos levados pela observação dos factos e pela sua apreciação crítica, frente a frente com o problema máximo, fundamental, da nossa Nacionalidade: o problema da educação.

DR. LUÍS WITTNICH CARRISSO

Prof. da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

# TELAS ALGARVIAS



1 — APERTANDO O CÊRCO



2 — PUXANDO AS RÉDES



3 — PRECIOSA RECOLHA

## A TOURADA DO M A R

—

Quatro emocionantes  
aspectos das curiosíssimas  
fainas do copêjo  
e recolha do atum, na pesca  
do mesmo, no Algarve



Fotografias gentilmente cedidas  
pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Anibal da Fon-  
seca Alexandre, de Faro, culto  
algarvio e devotado amigo da

A L M A N O V A



4 — UM EXEMPLAR

## P Á G I N A S E T N O G R Á F I C A S

C H A M I N É S  
D E P O R T U G A L

P O R L U Í S C H A V E S

( I l u s t r a ç õ e s d o a u t o r )

— «Doado fogo não há, fumo se não levanta.»  
— «Melhor é fumo em minha casa que na alheia.»

António Delicado, *Adagios Portugueses*, 1921, págs. 141 e 143.

I

A chaminé, por dever sempre corresponder na casa de habitação a uma imperiosa necessidade de higiene e cómodos domésticos, tem de aparecer nela com maior ou menor primitivismo.



Chaminé  
de Borba

Na construção regional, a forma das chaminés ou é popular ou popularizada. O modelo seguido como cânone pelos alvanéos<sup>(1)</sup> conserva tradicionalismo remoto no primeiro caso, recente no derradeiro. Para a mesma localidade, ou esse modelo é único, e dá-se principalmente a unidade central quando o cânone é remoto; ou há pluralidade, precisamente onde a tradição tem carácter recente, sobretudo de cunho artístico. A diversidade na mesma forma deve-se de facto ao pormenor.

Bluteau dá no *Vocabulário* três dicções sob o vocábulo «chemine»: *cheminé*, *chaminé* e *chuminé*<sup>(2)</sup>. Para resolver da pronúncia preferível, foi apresentado o seguinte tema de discussão à duodécima conferência de 1696 na biblioteca do Conde da Ericeira:

«— XXXI. *Se se ha de dizer Chuminé, ou chaminé, ou cheminé.*»

E Bluteau, autor do «oratório requerimento de palavras portuguesas», relata lèvemente nas suas *Prosas Portuguesas* o que se passou no «Tribunal das Letras»<sup>(3)</sup> por êle erigido, e o que na sessão concluíram os confrades interessados no assunto. Refere êle:

... «parecia a huns, que Cheminé por vir dos Franceses Chemin; assentouse que Chaminé, para buscar os Latinos Caminus»<sup>(4)</sup>.

No *Vocabulário*, Bluteau descreve com a enfática precisão académica de Setecentos as Chaminés, e faz assim delas resenha arquitectural e etnográfica:

«Chemine ... o lugar em que se faz o fogo da casa. Tem lar, pilares, escarpa, ou culatra, & cano, por onde se exhala o fogo. Os antigos não tinham chemines destas no meio de huma parede como as nossas mas huma casa particular lhe servia de chemine, & esta sem sahida, ou quando muito com uma janelinha, por onde muitas ve-

zes mais era o vento, que entrava, do que o fumo que sahia. O vão, ou o cano da chemine por onde estila o fumo, a escarpa ou culatra ou panno da chemine, os dois pilares, que de huma & outra parte sustentão a escarpa, ou culatra da chemine.»

\*

A chaminé mais simples, no seu uso próprio de, como diz Bluteau, «estilar o fumo», é um orifício no tecto para o telhado. Mas, quando o tecto de colmo (colmaço) cobre as casas, é substituída a chaminé pelas aberturas naturais da construção, que assim desempenham o serviço funcional dela. No tipo baixo da casa térrea, exala-se o fumo pela porta e janelas, notando que em geral é uma só a porta, e que, sobretudo no Norte, também a porta serve de janela com um postigo ou janluco, maior ou menor, aberto no único batente que tem.

Nas casas com um andar superior ou com um palanque interior, que o substitue, poderá servir de chaminé a janela pequena, muito achegada ao beiral protector, se está na serra, janela que ordinariamente é única.

Quando a telha permite a abertura de orifícios ou fendas, a chaminé toma formas diversas, desde a *goteira* do Minho e o *boeiro* da Serra de Montezinho, por exemplo<sup>(1)</sup>. Freqüentemente, um pedaço de telhado alteia-se em guisa de alcapão entreaberto, e os intervalos, à frente e dos lados, dão passagem ao fumo; são as *trapeiras* trasmontanas.

Se o material abunda, e a obra se aperfeiçoa, a chaminé desenvolve-se. Alça-se no telhado; curta nos lugares altos; longa na planície, para «chupar» o fumo e atirá-lo pelo vento em correntes mais subidas, o que por isso é o *chupão* alentejano. Ora ressalta na parede, apoiando-se em cachorros e descansos, ora maciços e rectilíneos, ora curvilíneos e airosos como vergas manuelinas ou «machicoulis» lombardos; ora lhe é comum a parede em que se levanta.

\*

Das cozinhas do Norte, evoca-nos Camilo o aspecto, êsse Camilo tão pouco paisagista da terra, mas tão vibrante pintor da paisagem interior da casa e da alma portuguesa:

... «circumvagando os olhos pelas alfaias da cozinha ... O mesmo escano. A mesma assadeira das castanhas pendente do canço. A mesma trempo de pedra. O mesmo gomil de estanho com vinho. A almotolia pendurada no mesmo pau bifurcado atrás do lar»<sup>(2)</sup>.

(1) Alvanéo → Alvanel = Alvenel: dicção popular alentejana (v. gr. Extremôz).

(2) Os *Dicionários* de Moraes e de Faria trazem igualmente as três formas.

(3) Estas conferências, com o título pomposo de *Conferências Eruditas*, celebradas por Bluteau, ante o *Tribunal das Letras*, principinram no dia 13 de Fevereiro de 1696, um Domingo. Realizavam-se na biblioteca do Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, na casa do *Cunhal das Bolas*, ao Bairro-Alto, de Lisboa.

(4) Rafael Bluteau, *Prosas Portuguesas* (1726), I, «*Prosas Academicas*», págs. 19-20.

(1) Este dispositivo é a primitiva chaminé. Vejam-se as lucernas das paredes e do tecto das *cabanas clnerárias* dos Etruscos; os restos dos mortos repousavam em *cabanas* do tipo em que habitavam os vivos; v. gr. as de Corneto: Jules Martha, *L'Art Etrusque*, Paris, 1880, págs. 35-36, figs. 5 e 6. E exemplos modernos: a tribu dos Wacuna ou dos Witchitona, do México, fazem *cabanas* circulares, cónicas, com um buraco para saída do fumo pelo vértice: Mayne Reid, *La Piste de Guerre*, pág. 237.

(2) Camillo Castello Branco, *A Bruza do Monte Cordova*, 2.<sup>a</sup> ed., pág. 236.

A cozinha é mais íntima e recatada no Norte; no Sul toda ela se enfeita de galas e louçania para os de fora, a quem é sala-de-receber. Aqui abre para a rua ou quinteiro; é salão de onde quem entra não passa

abunda e toda a casa vibra na braneura intensa, que lhe dá. No entanto, no Alentejo, onde o tijolo quasi exclue a pedra na alvenaria, fazem-se combinações decorativas com esse tijolo, prática inconsciente da deco-



Tipos de chaminés portuguesas

além, e por isso fica no limiar do «monte». Há duas entradas? Haverá duas cozinhas, uma delas com o forno do pão. Lá, o pátio senhorial, ou simples pátio de casa agrícola, atira a cozinha para o recôndito púdic da casa.

Na casa rural do Alentejo, a cozinha é a sala nobre: enfeita-se garrida com a louça popular da provincia, entre a qual aparecem os «pratos velhos», alguns sem valimento que não seja o de terem sido dos pais ou dos avós, e que são apontados como reliquias (1). Tem os armários rendados, de rótulas verdes, a louça de arame (de estanho, mas principalmente de cobre), a estanheira, escaparate com a louça de estanho, a cantareira ou pial, o poial de «pedra-mar» com as quartas de Estremôz, do Redondo ou de Viana-do-Alentejo, vendidas mais o outro vasilhame nas cargas ambulantes, de aldeia em aldeia, em ceirões e alforjes de esparto ao lombo dos machos, ou nos típicos carros-alentejanos de «molas de azinho».

A um canto da cozinha está a chaminé. Aqui é um pormenor, como a arca ali a um canto, a mesa ao meio da parede, e os armários aqui e ali. No Norte é o objecto principal, o que não admira onde há o culto familiar do fogo a maior parte do ano, e o não menor nem menos duradouro prazer da mesa à lareira. A lareira então ocupa quasi toda a cozinha; o restante espaço, cercand-o a quanto pode, oferece o campo necessário à labuta culinária; abre-se-lhe por cima a chaminé, a toda a largura como se lhe servisse de tampa; ou só no telhado de travejamento descoberto, tão ennegrecido que o carvalho ou o pinho parecem de pau-santo polido, se alteia a trapeira por onde o fumo se escôa.

O lar no Sul é raso, não em estrado ou banquetta, por vezes bem alto, de Trás-os-Montes; num ressalto, na frente, no pano da chaminé, uma estante lisa de tijolo forma a prateira, onde se expõem os pratos mais berrantes de côr, e por isso mais decorativos, grandes, da Flor-da-Rosa, Viana e algures.

No Alentejo, a chaminé assenta logo sobre a parede-mestra, e é-lhe perpendicular ou, o que é mais freqüente, paralela ou continuando-a. Lá para cima é de ordinário branca, e o mesmo acontece no Sul, onde a cal

ração architectónica moderna, que consiste em obter efeitos ornamentais do emprêgo dos mesmos materiais da construção; pintam-se também elementos da decorativa popular nas faces da chaminé, com combinação de azul, vermelho e amarelo, em maior ou menor fantasia de desenho (estrêlas, círculos, meias-luas, cadeias, o signo-saimão, etc., a que não falta a data em caracteres bem visíveis e legíveis e às vezes as iniciais do artista «alvanéo»).

Cães, cavalos, cavalinhos, de ferro, zoomórficos, de cauda e foieinhos enrolados, para amparar a fogueira ou encostar o espêto da carne assada, os trasfogueiros ou estrafogueiros mais complicados e com ar de senhores-feudais; ferras, ferrelhas, mãos, conchas ou pás de cozinha; trempes, descansos, arrumadores ou calços, fogueiros, potes bojudos de duas asas nas ancas e sobre três pés, caldeiras, em redor de um caldeiro grande, sus-

penso no meio do lume por uma cremalheira grossa e negra; toda a serventia do fogo; as bonecas de tijolo, azulejo ou fôlha de ferro, ao fundo da parede da chaminé, a protegê-la do fumo e das linguas da labareda, no Alentejo; — tudo são pertences curiosos da chaminé, conservados pelo uso, e afeiçoados a formas tradicionais na arte do povo; alguns, como as bonecas, sempre-novas ou frades, ligados a superstições hoje desaparecidas, vestígios do Lar familiaris, na opinião do sr. Dr. Leite de Vasconcellos (1).

A' volta das lareiras do Norte, há baneadas de madeira, castanho compacto, endurecido pelos anos e pela deformação permanente. Encostam-se à parede, erguidas como bailiques, mesas formadas de uma só tábuca com pés de apoio, que especam no chão da lareira, quando a mesa desee; os pés com dobradiças, as mesas também, giram nos gonzos e prendem-se nas paredes, subindo como tampas

de arca; descem, e fixam-se à frente de quem esteja sentado nas baneadas, passando-lhes por cima, sem que ninguém se incomode ou se mova das brasas. Manifestação patriarcal de apêgo à casa, e prova de maior faina e intimidade doméstica nas provincias do Norte, do frio das serras, da neve lá fora, da roca à einta, das xáearas e das rezas ao pé do lume, e do fumeiro enfileirado na chaminé, por essas noites de Inverno interminável...

(Continua).

(1) Há sempre um «prato velho», ou um quadro de hospedaria vilôa, por que um inglês ofereceu uma libra não aceita, sinal do apêgo material e de apêgo de orgulho simpático.

(1) Leite de Vasconcellos, Religiões da Lusitania, Lisboa, 1913, III, 597 e 605.  
História do Museu Etnológico Português, Lisboa, 1915, p. 209.

## AS NOSSAS SEPARATAS

A Alma Nova dedicará em cada fascículo metade das suas páginas a separatas, que reunidas em volume darão depois preciosos trabalhos. E' assim que hoje inicia a publicação do tómo II do notável estudo de J. Saavedra Machado — O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo, podendo os nossos assinantes adquirir o tómo I, que já se encontra à venda, ao preço de 10\$00 e fazendo-lhes nós o abatimento de 20 %. A obra completa custará 30\$00, com capa especial.



# ACTUALIDADES



## Dr. Simões Ratola

**EXALÇANDO** o incontestável valor literário, erudito e científico dêste ilustre português que, com as suas qualidades de terso historiador, de investigador minucioso e preslimoso funcionário superior da nossa primeira Biblioteca, sempre pronto a servir com os seus profundos conhecimentos tudo e todos, concedeu-lhe o governo francês, por decreto de 1 de Outubro de



DR. SIMÕES RATOLA

1928 e pela pessoa do seu Ministro de Instrução Pública, Mr. Herriot, as *Palmas de Oficial da Academia Francesa*, honra que é concedida aos literatos que como tal se evidenciam.

Foi-lhe esta distinção e as suas causas notificadas por um officio que transcrevemos:

• Monsieur: J'ai l'honneur de vous faire savoir que par un arrêté en date du 1.<sup>er</sup> Octobre courant, Mr. le Ministre de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts vous a conféré les Palmes d'Officier de l'Académie Française. Il m'a été agréable en demandant à Mr. le Ministre des Affaires Etrangères de vous proposer à Mr. Herriot pour cette distinction de pouvoir vous donner un témoignage de satisfaction pour l'empressement et l'obligeance avec lesquels dans l'exercice de vos fonctions, vous êtes à mainte reprise mis à la disposition de ceux de mes compatriotes qui ont eu recours à vos conseils éclairés. Vous voudrez bien trouver ci-joint le Brevet qui vous est destiné. Avec mes sincères félicitations, recevez, Monsieur, l'assurance de ma considération très distinguée. — (a) *Parlong.*

Acompanhando êste officio, foi-lhe entregue o respectivo diplôma, com o seguinte:

• Arrêté — Monsieur Francisco Simões, Sous-Bibliothecaire à la Bibliothèque Nationale de Lisbonne (Portugal) est nommé Officier d'Académie. — Signé Edouard Herriot, Ministre de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts.

É bastante vasta a obra literária do Dr. Simões Ratola. Por merecerem referência especial, pelo seu grande valor, destacaremos as seguintes: *Biographical sketches of the cabinet minister Ernest Rodolf Hintze Ribeiro, prime minister of the kindon*, 1902; *Exposição Garretiana na Biblioteca Nacional de Lisboa*... *Garrett, oh! divinal poeta (soneto)*, 1904; *Descrição do convento do Bom-Sucesso, em Pedrouços*, 1906; *Esbôço biográfico do Conselheiro António Maria de Amorim*, 1906; *Traços biográficos do Dr. Teófilo Braga*, 1906; *Teófilo Braga — Traços biográficos e bibliografia teofiliana*, 1915; *António*

*Cabreira — Subsídios bibliográficos, biográficos e documentais (Separata dos Trabalhos da Academia de Ciências de Portugal)*, Coimbra, 1916.

É muitas mais que, como entusiástico pedrouciano, à sua terra tem dedicado uma grande parte dos seus notáveis dotes de observação, escrevendo diversas obras referentes a Pedrouços.

A sua inteligência, adornada com vários cursos superiores, um dos quais só êle possui em Portugal, e o facto de quasi ser um poliglota, sendo-lhe familiares as línguas francesa, inglesa e alemã, o que lhe permite prestar serviços valiosos e indelêveis aos estudiosos literatos estrangeiros que nos visitam, habilitaram-no à excepção honrosa com que o governo francês quis, com êste gesto, recompensar de alguma forma o zelo com que o Dr. Simões Ratola tem auxiliado os súbditos daquela nação.

Sinceramente o felicita quem escreve estas linhas e mais sinceramente ainda se congratula por ver que a personalidade inteligente e culta do Dr. Simões Ratola, quasi despercebida entre nós, tão bem apreciada é por todos os que, imparcialmente, aproveitaram dos seus indiscutíveis merecimentos.

P. S.

## LIVROS E PUBLICAÇÕES

A temporada literária pouco se tem afirmado. Livros de valor, muito raros. De Júlio Dantas: *Diálogos*; de Brito Camacho: *Gente Vária*; de Ferreira de Castro: *Emigrantes*. E pouco mais. Apenas nos domínios da gráfica se notam consoladoras revelações. As revistas portuguesas, sobretudo, estão marcando, nesse particular. O *Magazine Bertrand*, da Livraria Aillaud, e a *Civilização*, da casa Fraga Lames, do Porto, não nos envergonham perante o estrangeiro. A *Ilustração*, A. B. C., *Seara Nova*, *Voga*, *Jornal da Mulher*, *Brotéria*, *Nação Portuguesa*, *A Guerra*, A. B. C. *Zinho*, *As Farças* e *O Casino*, seguem também a sua rota triunfante. A Aeronáutica acaba de ser dotada também com uma esplêndida revista — *Do Ar*. E para registo de toda a produção literária nacional, e da principal do estrangeiro, continua a fazer sair mensalmente o seu boletim *Dos Praelos*, a importante livraria da Parceria A. M. Pereira.

M. M.

## REGISTO DE ENTRADAS

*Doutor Diabo*, por Cláudio Basto.  
*Mar de Sarçaços*, por Oscar Cardoso.  
*O Desenho e as Mulheres, no labor artístico de Rafael Bordalo*, por Saevedra Machado (Tômo I), com um prefácio do Dr. Arlindo Monteiro.  
*Poesias* (livro póstumo), por Luísa de Vilhena, com notas e prefácio do Dr. Henrique de Vilhena.  
*Poesias Escolhidas* (id.), por Péthion de Villar, com prefácio do Dr. Eugénio de Castro.  
*No Sertão Africano*, por M. Köpke.  
*A Quebra*, por Campos Lima.  
*A Carta* (2.<sup>a</sup> edição), por Mateus Moreno.  
*Anuário da Escola Superior Colonial (1924-27)*.  
*Suavidade*, poemas por Salema Vaz.

## NOTAS DIVERSAS

Em Lisboa vai aparecer brevemente um grande jornal literário, à semelhança da *Gaceta Literaria* de Espanha e do jornal francês *Nouvelles Littéraires*.  
 — Foi eleito por unanimidade Presidente da Academia de Ciências de Lisboa, para o ano de 1929, o sr. Dr. Júlio Dantas.  
 — O Director da Escola Superior Colonial, sr. Conde de Denha Garcia, está tratando da nova reforma dêste utilissimo estabelecimento de ensino.  
 — Vai brevemente defender tese de doutoramento a Coimbra, o licenciado em Ciências histórico-naturais sr. Joaquim José de Barros.  
 — O nosso camarada de redacção, Dr. Jesé Guerreiro Murta, foi nomeado cronista distrital do *Diário de Notícias*, em Setúbal. O mesmo escritor tem a sair um novo livro da colecção *Estudar é Saber*.  
 — A importante livraria Sá da Costa, de Lisboa, passou a ser a depositária das edições da «Reassurgimento».  
 — Foi posto à venda o 2.<sup>o</sup> milhar de «O Diabo, Mestre de Dança», do Dr. Luis de Oliveira Guimarães.



# O TEATRO



## PALCOS...

**Gimnásio.** — Depois de *O tambor* e o *Guiso*, a deliciosa comédia dos Quinteiros, que o talentoso dramaturgo Vitoriano Braga traduziu com esmêros de artista, e onde Ilda Stichini, uma das mais galantes estrelas do nosso teatro declamado, teve mais uma primorosa criação, apareceu neste teatro a peça de Bourdet, *Vient de paraître*, que em Paris obteve o maior agrado, e que Alvaro de Andrade traduziu sob o título de *Um escritor à força*. Entre nós, cáiu.

**Politeama.** — O *Domador de Sogras* continua a ser a rainha das farças, ultimamente representadas em palcos portugueses, mercê não somente do engraçado enredo em que é urdida, mas zinda do seu harmónico e impecável desempenho. Adelina Abranches e Maria Matos são, efectivamente, duas colossais artistas.

**Trindade.** — Este teatro, como todos em que o fino espirito artístico de Amélia Rey-Coleço se nos depara, é sempre um verdadeiro centro de reunião da *élite* alfacinha. A Companhia Amélia Rey-Coleço-Robles Monteiro tem o segredo da elegância. A peça em scena, *Romance*, obra prima do teatro americano, está dentro do ambiente em que tanto se compraz o espirito eleito da grande actriz que no *E preciso viver* e na *Marianela*, como no *Caso do dia* e no *Braz Cadunha*, tão recente, conseguiu marcar verdadeiras criações.

**Nacional.** — O teatro de emoções não está hoje muito em voga. Só os grandes artistas, como Alves da Cunha, o conseguem ainda manter com algum êxito. Em *Um homem* a peça actualmente em scena, o grande dramaturgo assim o confirma.

**Eden.** — *Terra de Cantigas*, revista de carácter tão delicadamente português, foi posta em scena neste teatro com muito gosto e brilhantismo. Expurgada dumas licenciosidades de graça salão, impróprias de se ouvirem na presença de pessoas de certa condição, *Terra de Cantigas* é uma revista para marcar uma temporada de êxito.

**Variiedades.** — Eva Stachino, a linda e estouvada mexicana que o público de Lisboa traz no coração, conseguiu im-

## O TEATRO, A CRÍTICA E O CINEMA

As modernas camadas intelectuais portuguesas têm dois nomes — António Ferro e Artur Portela — que, mercê do seu inegável talento e um pouco também da orientação prática que tomaram, estão marcando no jornalismo e na critica teatral situação de verdadeiro relêvo. As suas opiniões sobre teatro são, por isso, sempre ouvidas com a maior curiosidade.

Falando no Brasil sobre jornalismo, o segundo destes novos, que ali fôra em missão intelectual, como representante da imprensa portuguesa, fez a um camarada de lá, acerca do nosso teatro, da moderna critica e do seu concorrente terrível — o cinema —, as afirmações que seguem:

«A critica de teatro é mais viva e mais culta. Devo dizer-lhe que a ela se deve bastante da actividade dramática que ainda existe. Claro, que a época de demolição teve conseqüências graves. Notou-se mesmo uma certa crise material. Mas os que faziam e fazem do teatro uma aspiração, um ideal, um sonho, resistiram e triunfaram. A-propósito do teatro, sou obrigado a dizer-lhe que o cinema é, como sabe, um concorrente terrível, esmagador. Estou crente que, dentro em breve, em cada cidade haverá apenas «music-hall» e um palco para experiências intellectuais e raro frequentado.»

A última parte desta afirmativa merece algumas considerações. Tentaremos aqui registá-las nos próximos números.

M. M.

## ...E CINEMAS

plantar no palco do «Variiedades» um autêntico Paraíso, com a deliciosa revista — «féerie» *A Mãe Eva*. A Companhia Velasco não lhe é superior. «Muito bem!» — é o que se diz, depois de cada sessão do «Variiedades».

**Maria Vitória.** — Continua em pleno êxito a feliz revista *A Rambóia*, com a engraçada Horfense Luz nos principais papéis.

**Poz.** — Acaba de inaugurar uma temporada de revista, com a fantasia *Mulheres e Flores*. Matinéas elegantes. Escolhidos films.

**Coliseu dos Recreios.** — Recomeçaram recentemente, nesta popular casa, os espectáculos de circo, pela grande Companhia de que fazem parte os admiráveis *clowns* Rico e Alex.

Os espectáculos do Coliseu são sempre um encanto para a gente miúda e mesmo para muita da graúda, que deseja encarar a vida com um sorriso franco, ou experimentar a emoção forte dos exercícios acrobáticos. Nêles há de tudo.

**Cinemas.** — A cinematografia impera e está, pode dizer-se, a vencer o teatro declamado. Abrem-se dia a dia novos salões, melhoram-se os antigos e fundam-se *magazines* especiais. O público corresponde, de facto, ao zelo das empresas, que primam não só em apresentar películas da maior sensação, mas ainda em oferecer ao espectador todas as comodidades modernas.

Neste momento parece continuar ainda a febre dos *films* da guerra. Ao êxito formidável da *Grande Parada*, no *Odeon*, succedeu o não menos formidável da *Hora Suprema* e do *Preço da Glória*, no *San-Luis*.

O *Tivoli* e o *Central*, êste depois da sua recente transformação, representam, com os dois salões acima referidos, os quatro grandes cinemas preferidos da *élite* da capital. Mais populares, mas nem por isso menos zelosos de acompanhar todos os progressos e modernizações da cinematografia, estão a seguir o *Olimpia*, o *Condes*, o *Chiado Terrasse* e o *Chantecler*.

De todos nos ocuparemos nesta página.

## “COLECCÃO RESSURGIMENTO”

Direcção: Calçada João do Rio, 8-1.º ■ LISBOA

Romances, peças de teatro e novelas, de autores nacionais e estrangeiros, estudos sociais, económicos, artísticos, etc., em belos volumes de 60 a 100 páginas

... Cada volume Esc. 3\$500 ....

Assinaturas por 5 volumes: Escudos 15\$00 (Pagamento adiantado). Edições de luxo, preços especiais.

Todos que se interessam pela boa leitura, devem fomentar o desenvolvimento desta “Colecção”

..... Volumes já saídos ou a entrar no prelo: .....

I — <i>Bibliografia Portuguesa da Grande Guerra</i> (Notas subsidiárias para uma), pelo capitão José Brandão, ed. il. ret. do autor (Aquisição autorizada pela O. E. n.º 4 (1.ª s.) de 1928) . . . . .	3\$50	Sebastião da Costa. Edição profusamente ilustrada e de interesse para todas as provincias (id.) . . . . .	3\$50
II — <i>O Louco Amor</i> , Novela passional por D. Ramon Maria Tenreiro. Versão de Eunice Franco. Prefácio de Fidelino de Figueiredo, c. ret. do A. . . . .	3\$50	VI — <i>Impressões de Angola</i> . (Ecos duma viagem de exploração científica), pelo Dr. F. d'Ascensão Mendonça (em preparo) . . . . .	3\$50
III — <i>Espanha Maravilhosa</i> , (Sevilha e Córdova), por José Dias Sancho (a entrar no prelo) . . . . .	3\$50	Maleus Moreno: EDIÇÕES VÁRIAS	
IV — <i>Teatro</i> : Peças de Dr. Luis d'Oliveira Guimarães e Maleus Moreno (id.) . . . . .	3\$50	<i>A Nova Guerra e a Artilharia</i> (Aquisição autorizada) . . . . .	7\$50
V — <i>A Mulher Portuguesa</i> , por Cláudio Basto, Luis Chaves e		Rebêlo de Bellencourt: <i>O Mundo das Imagens</i> (Crónicas) . . . . .	7\$50
		Saavedra Machado: <i>O Deaenho e as Mulheres</i> , cada tomo . . . . .	10\$00

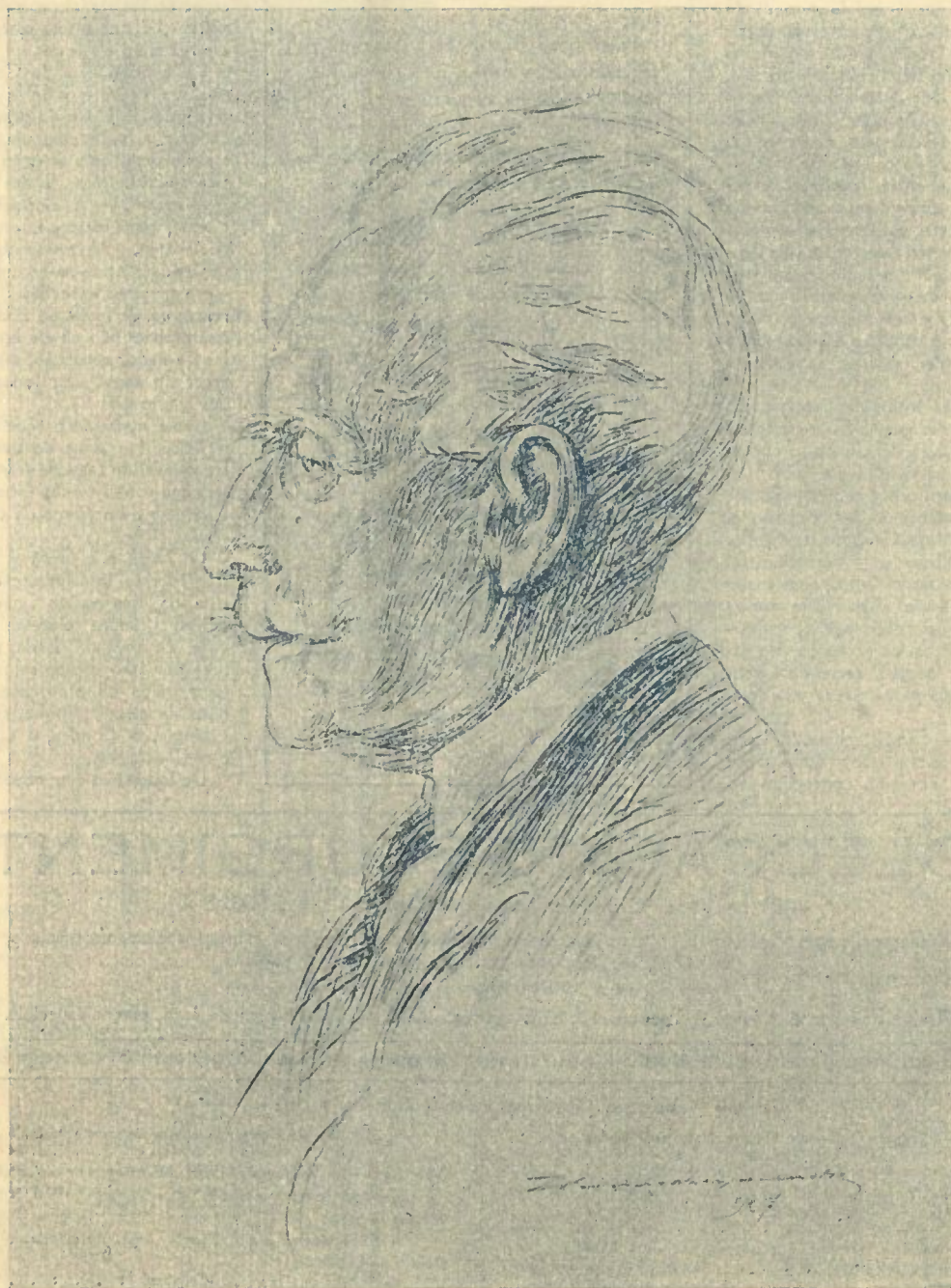
(Desconto de 20 % aos assinantes da “ALMA NOVA”)

# O ECO NACIONAL

ANO I

(PÁGINA GRÁFICA DE ACTUALIDADES)

N.º 1



DR. MAGALHÃES LIMA

Uma das figuras da República de mais alto prestígio moral e intelectual, cuja norma inflexível deve ser apontada como exemplo, nestes tempos de tanto comodismo e desprendimento pelas ideias.